



# VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor  
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA  
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

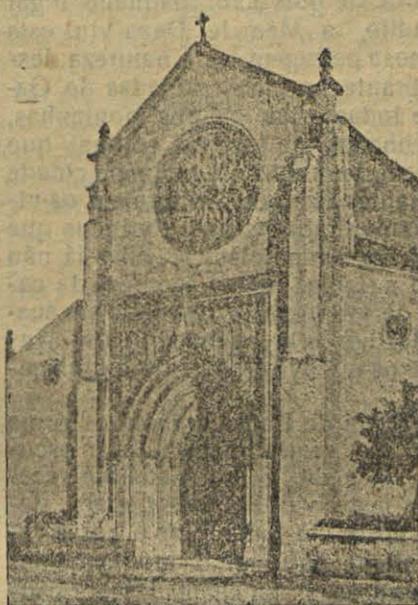
## 13 de Janeiro

A chuva que cahiu abundante e benefica nos dias que precederam immediatamente o dia 13 de Janeiro fez desistir muitos fieis, sobretudo os que eram de terras distantes, de levar a effeito a piedosa romagem que tinham projectado para esse dia. Tambem nós hesitámos mais de uma vez perante o sacrificio que a peregrinação a Fátima debaixo de chuva representava e só na vespera, ao vermos o tempo melhorar e o sol brilhar num ceu sem nuvens, cortámos por todas as hesitações e tomámos definitivamente a resolução de partir. E não ficaríamos bem com a nossa consciencia se não fizéssemos o que o nosso coração nos pedia. Quem ao menos uma vez foi a Fátima e se embebeu na atmospheria que alli se respira, quer em dia de grandes manifestações, como em 13 de Maio e em 13 de Outubro, quer mesmo em dia de diminuta concorrência, como durante os meses frios e chuvosos do inverno, sente a necessidade irreprimivel e quasi o dever de lá voltar no dia 13 de cada mês, por maiores que sejam os incommodos que tenha de soffrer, se obrigações imperiosas não obstam á realisação de tão consoladora viagem.

Foi, pois, em face da dupla perspectiva de satisfazermos uma doce aspiração da nossa alma e de emprehendermos de novo a peregrinação a Fátima em condições favoraveis de tempo que tomámos o comboio da manhã do dia 12 em direcção a Torres Novas, onde jantamos e donde seguimos á noite para o Pedrogam.

Dalli partimos ás dez horas da manhã do dia seguinte, depois de ouvirmos missa, para a Fátima, atravessando a serra d'Ayre. O dia estava esplendido. Não se divisava uma nuvem no firmamento, não soprava a mais ligeira brisa, e o sol, difundindo thesouros de luz acariciadora, aquecia o ambiente communicando-lhe uma temperatura só propria dos dias tepidos da Primavera e do Outomno.

De vez em quando encontramos na subida da serra pequenos ranchos



Fachada da historica igreja da Graça de Santarem onde repousam os despojos do insigne descobridor Pedro Alvares Cabral

de homens e mulheres que se dirigem, a pé ou a cavallo, para a Fátima. A's onze horas e meia transpnhamos a orla do planalto de Boleiros. Dahi em diante a estrada já não é tão ingreme e tão accidentada.

Um rapaz dos seus quinze annos, vestido decentemente, aproxima-se do nosso carro, pedalando na sua bicycleta. Terminára como nós a ascensão da serra e estava offegante e exausto de cansaço. Discretamente interpellado ácerca do objectivo da sua viagem feita em condições tão incommodas, respondeu que tinha vindo de Lisboa na vespera e seguia em direcção a Fátima a fim de ir buscar agua á fonte das aparições para seu pae que se achava gravemente enfermo. Eram sobremodo commovedoras a fé religiosa e a piedade filial que o levavam a emprehender uma viagem tão longa e tão fatigante na esperança de proporcionar remedio ou lenitivo aos males do estremecido auctor dos seus dias.

Entretanto atravessámos o Bairro, a Amoreira, Boleiros e Montello e chegámos ao pé da igreja parochial

de Fátima. E' quasi meio dia e meia hora.

A partir daquelle ponto, nos tres kilometros de estrada que ainda nos resta percorrer, os peregrinos retardarios são mais numerosos. Passámos junto do pae do Francisco e da Jacinta, os dois videntes que morreram victimas da epidemia bronco-pneumonica de 1918. Da estrada avistamos o local das aparições. Cerca de duas mil pessoas rodeiam a capella commemorativa das aparições que, bastante damnificada pelo attentado dynamitista de Março do anno passado, tinha sido restaurada depois do dia 13 de Dezembro ultimo. A' 1 hora official principia a santa missa, rezada pelo rev. parochio de Fátima.

Ao mesmo tempo sóbe ao pulpito o rev. parochio de Ourem, enicia logo a recitação do terço em commum. A multidão, atenta e devota, ora com fervor. A' elevação, interrompe-se a reza do terço, fazem-se as invocações de Lourdes e em seguida canta-se o *Salutaris*. As préces sublimes do *Psalterio de Maria* continuam a elevar-se para o Ceu. Entretanto de todos os pontos vem accorrendo novos peregrinos. Approxima-se o momento solemne da communhão. O respeito, o silencio e o recolhimento tornam-se ainda mais profundos. Dezenas de fieis de ambos os sexos preparam-se para alimentar as suas almas com o Pão dos Anjos. Começa a distribuir-se a Sagrada Eucharistia.

A multidão, em unisono, então o popular e commovente «Bemdito e louvado seja». E n'uma interrupção rapida, o ministro do Altissimo, com uma voz sentida e brilhante, repete do alto do pulpito, as bellas e piedosas invocações de Lourdes: «Senhor, nós vos amamos! Senhor, nós Vos adoramos! Vós sois Jesus Christo, o Filho de Deus vivo!

Vós sois a resurreição e a vida! Senhor, se quizerdes, Vós podeis curar-me! Senhor, dizei uma só palavra e eu serei salvo! Jesus, Filho de David, tende piedade de nós!»

Terminada a missa, o rev. parochio de Ourem principia o sermão tomado para thema as palavras *Dominare*

*nos tu et Filius tuus* do livro dos Juizes, c. VIII, v. 22. Falla das virtudes da Santissima Virgem, do prestigio que Ella exerce sobre as nossas almas, da necessidade que temos de a imitar. Conclue declarando ter pregado o sermão em acção de graças por um beneficio extraordinario que um fiel presente obteve da poderosa Rainha do Ceu.

Depois do sermão retira-se a maior parte dos peregrinos, ficando apenas alguns grupos de devotos a rezar junto da capella ou a encher recipientes com agua da fonte maravilhosa até que, proferindo uma ultima préce e dizendo um adeus derradeiro á formosa imagem da Virgem do Rosario, se põem tambem a caminho das suas terras, cheios de saudade dos momentos ditosos passados naquele verdadeiro cantinho do Paraiso.

VISCONDE DE MONTELLO

## O projecto dos sanctuarios

A piedade dos fieis deseja ardentemente levantar no local das aparições um monumento grandioso em honra da Augusta Mãe de Deus.

O projecto acolhido com mais entusiasmo é o da construcção de um templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sitio onde os videntes dizem ter-se dado a primeira aparição, e de quatorze capellas ladeando uma avenida que conduza da estrada districtal até ao templo-monumento. Este será dedicado á coroação de Nossa Senhora e as capellas aos outros mysterios do Rosario.

Para estas obras era absolutamente indispensavel encontrar agua. Mas num raio de muitos kilometros não apparece agua na Fátima senão em pequena quantidade e proveniente da chuva recolhida em charcos e cisternas. Por isso uma comissão de habitantes daquella povoação tomou a iniciativa de mandar proceder a sondagens nos terrenos adjacentes á capella commemorativa das aparições.

A primeira sondagem foi feita em 9 de Novembro de 1921, depois da primeira missa campal, á distancia de quarenta metros da capella. Tendo começado os trabalhos de manhã, ao meio dia já todos os operarios saciavam a sede com a agua que jorrou abundante da rocha viva. Nos ultimos meses de verão a agua quasi desapareceu, depois que recomeçaram os trabalhos destinados a tornar maior a capacidade do poço, vendo-se apenas lacrimejar uma das paredes. Em principios de Novembro de 1922, concluidas as obras do poço, que tem agora muitos metros de profundidade, a agua limpida da nascente, rebentando com força, em seguida ás primeiras chuvas do Outomno, encheu completamente o vasto reservatorio, como tiveram occasião de verificar os numerosos fieis que em 13 desse mês visitaram o lugar das aparições.

V. DE M.

## AS APPARIÇÕES DE LOURDES

I

### Bernadette

Lourdes é uma pequena cidade dos Altos Pyreneus, graciosamente reclinada num oasis de verdura, em torno duma vetusta fortaleza que da encosta da montanha parece querer despenhar-se sobre ella e esmagá-la com o peso formidavel da sua mole gigantesca.

Ao longe, na direcção do Occidente, avista-se a flecha aerea da Basilica que semelha um dedo esguio apontando para o Ceu.

A igreja, branca como neve e assente no flanco de enormes rochedos, é já por si uma aparição que enche de alegria e esperanza quem a contempla illuminado pela fé.

Encanto e maravilha para os olhos, é-o ainda mais para a alma que se lembra de que dalli, daquelle logar bemdito, a Mãe de Deus viu esta formosa paisagem, esta natureza deslumbrante, as ondas azuladas do Gave e todas estas alegres montanhas, polvilhadas de luz. As collinas que servem de moldura á pequena cidade e a tantas recordações formam os ultimos contrafortes dos Pyreneus que veem expirar na planicie. Ellas já não teem a rigidez nem a aspereza da cadeia de montanhas, descendo em suave declive e arredondando os seus cabeços maravilhosamente entrelaçados.

O Gave de Pau curva-se e fórma quasi um semi-circulo para ir oscular a base do velho castello e receber a leste o ribeiro de Lapaca, depois corre em linha recta e passa rapidamente em frente da montanha das Espeluncas, assim chamadas por causa das numerosas cavernas abertas nos seus flancos. Outrora chegava até muito perto da gruta de Massabielle, que dava sobre a margem direita no mesmo sitio em que o canal do Savy, misturado com o ribeiro de Merlasse, que se despenha da collina, vinha perder-se nas suas aguas limpidas e transparentes.

O Lapaca fazia trabalhar varios moinhos, entre os quaes o moinho de Boly, que estava sendo explorado havia muito tempo pela familia Castérot. Em 1841 o chefe desta familia, Justino Castérot, falleceu, deixando quatro filhas e um filho, João Maria. A mais velha, Bernarda, era casada com um honrado operario de Lourdes, a segunda, Luiza, que tinha dezaseis annos, resolveu mudar de estado para explorar o moinho. Escolheu para seu marido Francisco Soubirous, jovem moleiro, que não tinha outra fortuna senão os seus braços. O casamento realizou-se na igreja parochial de Lourdes a 9 de Janeiro de 1843.

Tendo-lhe a Providencia dado por esposa uma donzella que possuia alguns bens de fortuna, Soubirous julgou-se rico e tornou-se descuidado no governo da casa. Indolente por natureza, vigiando mal o fabrico, fornecendo quasi só farinhas defeituosas e, para mais, pouco affavel e insinuante, perdeu muito depressa a sua clientela.

Luiza parecia não dar por isso, não tendo feito nada para suspender esta marcha vertiginosa para a ruina. Por outro lado os filhos tinham-se tornado numerosos em poucos annos. O mais velho, uma menina, nasceu a 7 de Janeiro de 1844 e recebeu no dia seguinte no baptismo o nome predestinado de Bernadette, ou filha de S. Bernardo. Foi madrinha sua tia Bernarda. Ella foi acolhida com alegria, porque a casa estava ainda prospera, realisando-se uma grande festa no moinho por motivo de tão fausto acontecimento. Seis meses mais tarde Luiza conheceu que Deus a havia abençoado de novo e teve de deixar de amamentar a filha. Uma mulher de Bartrés—aldeia que ficava muito perto de Lourdes—Maria Aravant, que perdera pouco antes um filhinho de poucas semanas, tomou conta da Bernadette e levou-a consigo para a sua terra.

Depois de a ter conservado em seu poder durante quinze meses, a ama restituiu-a á vida de familia, mas dedicou sempre grande affeição a esta menina que ella alimentara com o seu leite.

Bernadette era de compleição debil, de saúde enfermiça e estava já atacada de asthma que bastante a opprimia. Crises de tosse frequentes sacudiam e devastavam o seu pequenino e delicado peito, e os paes, que começavam a sentir as angustias da miseria, careciam dos meios necessarios para lhe proporcionar uma alimentação substancial que era incompativel com os seus humildes recursos. A ruina da casa consumava-se pouco a pouco. Em 1855 Francisco Soubirous não podendo pagar a renda do moinho do Boly teve de ceder o logar a outro mais diligente. Então alugou no bairro de Lapaca um casebre, para onde foi morar com os seus seis filhos. Pessoalmente a sua situação agravou-se tambem. Dahi em diante viu-se obrigado a trabalhar a dias, expiando assim duramente a sua lamentavel imprevidencia. Mas a pobreza tornou-se ainda maior e attingiu taes proporções que elle teve de se refugiar na antiga casa de detenção, chamada o *carcere* e situada na rua dos Pequenos Fossos. Esta casa deshabitada que ninguem queria por causa das tristes recordações que evocava, pertencia a André Sajous, parente de Luiza. Esta circumstancia animou Francisco a pedi-la para habitar; foi-lhe cedida gratuitamente e nella installou-se com sua infeliz familia. Era uma habitação escura e insalubre feita para os presos. Assim a pobre Bernadette conheceu ainda muito nova o que quer que seja das angustias e das privações da gruta de Belem.

Todavia os paes tinham continuado a ser pessoas honradas, christãos cumpridores dos seus deveres e conformavam-se nobremente com a sua dolorosa situação, não accusando ninguem e attribuindo unicamente a si proprios, a infelicidade do seu viver.

Francisco entregava-se agora com ardor ao trabalho e, vendo a filha mais velha doente, abatida e tirando de frio, queria que ella vestisse

com mais agasalho do que as outras; em vez das papas de milho que constituíam a refeição da família, comprava-lhe bom pão de trigo e até um pouco de vinho em que a mãe tinha o cuidado de deitar umas colheres de assucar. Estas preferencias, por mais justificadas que fôsem, eram a causa de pequeninas invejas e despeitos que na ausencia dos paes se traduziam por verdadeiras perseguições. A humilde e encantadora creança, dotada de uma doçura e mansidão sem igual, deixava ordinariamente ás irmãs e ao irmãosinho o seu quinhão privilegiado e sobretudo não se queixava nunca ao pae.

(Versão do francez)

## A QUARESMA

A Quaresma, commemorando os quarenta dias e quarenta noites que Jesus Christo, em seguida ao seu baptismo no Jordão, passára no deserto, abre-nos um período de penitencia, purificação e preparação para a festa da Paschoa. Segundo S. Jeronymo, o numero 40 anda associado á idea de pena e afflictão. Durante quarenta dias e quarenta noites caíram as chuvas do dilúvio, durante quarenta annos peregrinou o povo hebreu pelo deserto, em castigo de sua ingratição. Quarenta dias esteve o propheta Ezequiel, por ordem do Senhor, deitado sobre o seu lado direito, para figurar um cerco, que havia de ser seguido da ruína de Jerusalem.

A Quaresma offerece-nos um meio efficaz para apacarmos a colera de Deus e purificarmos as nossas almas.

O principio da penitencia verdadeira está no coração. Recordemos os exemplos do Filho prodigo, da Pecadora, do publicano Zacheu e de S. Pedro. Partindo porém do coração, sob o impulso da graça, a penitencia ha de traduzir-se em actos exteriores de abstinencia e mortificação, a exemplo de Jesus Christo e conforme os preceitos da Igreja. Assim como sob o nome de *jejum* a Igreja comprehende todas as obras de mortificação christã, tambem sob o nome de *oração* abrange todos os piedosos exercicios com que o christão se dirige a Deus. A frequencia mais assidua do templo, a assistencia ao santo Sacrificio, as leituras piedosas, a meditação das grandes verdades da salvação e dos soffrimentos do Redemptor, o exame de consciencia, assistencia ás prégações, a recepção dos sacramentos da Penitencia e da Eucharistia, — els os principais meios de santificação comprehendidos na oração.

No tempo da Quaresma, o christão unir-se ha, logo desde que despertar, á santa Igreja, que começa os psalmos de *Laudes* por estas palavras do Rei-Phetia: *Tende compaixão de mim, ó Deus, segundo a vossa grande misericórdia. — Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam Tuam.*

Afinal nós só transformamos o mundo, na medida em que nos transformamos a nós mesmos. Para que o fogo se propague, é preciso que ele arda em nós. Com uma candeia apagada não se acende outra.

## AS CURAS DA FÁTIMA

Carta do Ex<sup>mo</sup> Sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte)

«... Sr. Com os meus respeitosos cumprimentos, vou apresentar a V. o relatorio, que talvez se não possa chamar milagre, mas que foi um grande favor e uma grande graça que N. Senhora fez a um meu conterraneo que aqui habita em Otta, que tem ido muitas vezes á Cova da Iria e propagado muito aqui a devoção a N. Senhora do Rosario da Fátima. Segue o relatorio feito por elle e que para aqui copio *ipsis verbis*:

«Dia 12 de julho de 1922. Indo eu a Fátima torci um pé dando uma grande queda sobre uns pedregulhos no caminho para Vila Nova d'Ourem onde cheguei em muletas para as quais apropriei uns paus que me emprestaram.

No dia seguinte, 13, dirigi-me para a Cova da Iria onde apareceu N. Senhora do Rosario minha madrinha, e pedindo-lhe que me melhorasse, dei um banho ao pé na agua do poço, achando rapidas melhoras. Comecei logo a andar sem muletas. Poucos momentos depois chega a imagem de N. Senhora do Rosario em procissão e nesta occasião voltando a banhar o pé fiquei quasi bom. Depois de agradecer a N. Senhora segui para Vila Nova d'Ourem onde entrei sem muletas, o que causou a admiração de muitas centenas de pessoas que me viram... José Ramalho.»

Outra carta (da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Dona Laura de Avelar e Silva, da Quinta da Commenda—Alcanhões):

«21 d'Outubro.

... Sr.

... Somos umas crentes e apaixonadas da Fátima, pois tendo recorrido já por duas vezes em grandes afflictões a N. Senhora da Fátima, fomos de pronto socorridas. Uma vez quando de doença grave de uma sobrinhinha, que mal começou a tomar a agua vinda da Fátima começou sentindo consideraveis melhoras e já foi no dia 13 á Fátima a agradecer a Nossa Senhora o tel-a curado.

De outra vez, fez precisamente no no dia 13 cinco annos, quando nos dirigiamos para Fátima estivemos prestes a ser victimas de um grave desastre de automovel, invocamos logo Nossa Senhora do Rosario da Fátima e immediatamente ficamos salvas.

Todos os que viram o que se passou e as pessoas que teem passado ao local, e sabem o perigo iminente em que estivemos, são unanimes em dizer que só por milagre escapámos.

Já vê V... que não podemos deixar de ser devotos de Nossa Senhora da Fátima!»

«... Sr.

Pedindo mil desculpas de me tornar tão maçadora vou pedir a V... que publique na *Voz da Fátima* mais

uma graça alcançada pela agua que eu de lá trouxe em maio.

Um vizinho meu com uma pneumonia dupla desenganado pelo Sr. Dr. Leal, da Lourinhã, estava na ultima, já tinha afflictão na garganta. A pobre mãe já lhe não queria dar remedio algum porque o seu filho estava prompto. Eu disse-lhe que era bom dar-lho porque emquanto havia vida havia esperanza.

Depois vi tudo tão aflito por causa do filho que estava prestes a partir d'este vale de lagrimas e falei com a madrinha do doente e disse-lhe que se tivessem fé verdadeira lhe dava uma gotinha da agua de Nossa Senhora. Responderam-me logo que sim. Vim a minha casa e levei a agua á madrinha e tia d'elle que foi logo dar-lh'a. O doente bebeu e respondeu que aquella agua era benta, que antes queria da da fonte que a gente gasta.

Naturalmente extranhou o gosto. Disse eu á madrinha que logo que o doente bebesse agua, resasse tres Avé Marias a Nossa Senhora com muita devoção e eu vim para minha casa e comecei a fazer uma novena a Santa Rita de Cacia por intenção da Senhora do Rosario da Fátima e se o doente melhorasse mandar dizer uma Missa a Nossa Senhora.

Não sei se a mande dizer ou se mande o dinheiro para a Fátima... etc.

Estrada (Athougua da Baleia).

Celeste Maria de Souza»

## SE MEDITÁSSEMOS UM POUCO...

Que admiravel é o systema solar! O sol é o seu centro. Em volta delle gravitam oito grandes planetas e em volta destes giram varios satelites. Atravessando os orbitas planetarias, os cometas percorrem o espaço em diversas direcções.

O sol tem em volume 1.404.828 vezes maior que o da terra. A sua distancia desta é de 38 milhões de leguas e a dos outros planetas que giram em volta delle, varia entre 15 milhões (Mercurio) e 1:147 milhões de leguas (Neptumo). Este planeta gasta cerca de 164 annos e meio a dar uma volta á roda do sol. Urano, 84 annos; Saturno, 29 annos; Jupiter 11 annos, etc.

O espaço que o systema solar occupa no ceu é de 7 milhões de leguas.

E, todavia, o nosso mundo é apenas um ponto no espaço, uma unidade no complexo dos mundos.

O telescopio revela-nos que cada estrela é o centro de outros systemas; e existem milhões de estrelas!

A distancia e as dimensões destes milhões de mundos espantam a nossa imaginação!

A luz percorre 77:000 leguas cada segundo e todavia o *alpha* de *Centaurus*, que é o mais proximo de nós, gastou trez annos e oito mez para fazer chegar até nós a sua luz. A estrella polar gastou 55 annos. As mais remotas, visiveis a nossos olhos, empregaram 2:700 annos!

E comtudo, estes mundos innumeraveis, lançados no espaço com uma ce-

leridade tão prodigiosa e com direcções tão diversas formam um accordo e harmonia assombrosa!

Como nós somos pequeninos!

Todos que se dizem cristãos são sinceros com eles mesmos? E' cristão quem não vive cristãmente? A sua profissão publica de fé não será uma espécie de hipocrisia, pois desmentem com a vida o que professam com a boca? . . .

Se o nosso catolicismo fôsse desta raça, seria estéril,—como flores artificiais que não chegam a produzir semente.

Traz-se ás vezes o catolicismo nas atitudes, como uma flor rara ao peito—porque é elegante. Clama-se, e com razão, contra a falta de liberdades religiosas, mas não se usam as que se têm, indo por exemplo á Missa. . .

Deus é muito santo, para ser um objecto de adorno. Quem crê n'Ele, rende-se-Lhe todo. Pela fé cristã dá-se um passo fatal que nos lança na . . . *Vida Extraordinária*. Quem vive em Deus, não mais vive em si. A *Vida divina* e a vida banal excluem-se.

### Fé em Deus

Via-se, ha tempo, um rapasinho sentado á beira da estrada em frente dum britador de pedra.

—O' rapaz, grita o cantoneiro, já te disse que não te ponhas ádeante de mim que podes levar com algum estilhaço de pedra.

—E' que eu, disse o rapaz, queria vér isso que vocemecê traz ao pescoço. Para que traz esse dinheiro ao pescoço, tio João?

—Isto não é dinheiro, homem. E' uma medalha que trago para que Deus me ajude e me defenda, meu rapaz.

—Meu pae está sempre a dizer que não ha Deus e que tudo isso é uma historia.

—Sim? Elle diz isso?

E apanhando um calhau dá-o ao rapaz dizendo-lhe: toma, leva esta pedra a teu pae e diz-lhe que faça outra como ella.

«Matosinhos, 4 de Fevereiro de 1923.

... Sr.

Se V. julgar que a tradução que envio do belo cantico *Ave, Maris Stella*, é digno de figurar nas colunas da «Voz da Fátima», dar-me-ha nisso muita honra.

Já tem sido cantado na igreja matriz da minha terra, e espero que, graças á boa vontade de um ecclesiastico meu amigo, se tornará brevemente popular nesta vila.

E' entoando este cantico liturgico que os pescadores bretões, que vão para a Islandia ou para a Terra Nova, levantam ferro e desfraldam as velas, depois duma procissão e da benção lançada pelo pároco, de cima do cais. Não seria belo ver o mesmo costume introduzido em Portugal, paiz de marinheiros e terra de Santa Maria?

Não seria comovente ouvi-lo entoado pelos peregrinos de Fátima?

Não traduz ele melhor que tantos outros o pedido de auxilio á Mãe de Deus, auxilio de que hoje mais que nunca necessitamos?

Qualquer que seja o acolhimento que V. faça ao meu modesto trabalho, terei sempre a consolação de ter querido contribuir para avivar a devoção a N. S. de Fátima, á Qual creio dever já graças preciosas.

Com a maior consideração.

De V. etc.

J. D. de Sousa Aroso

## AVE, MARIS STELLA!

*Avé, Estrela do mar,  
O' santa Mãe de Deus,  
Imaculada Virgem,  
Feliz porta dos ceus.*

*Do archanjo Gabriel  
Tu has aceiteado o Ave;  
Trocando de Eva o nome  
Por outro mais suave,*

*Aos reus desata os vinculos,  
Concede aos cegos luz,  
Dissipa os nossos males.  
Impetra bens a flux.*

*Confirma-nos na paz,  
O' Mãe, mostra que és mãe!  
Sê-nos refugio e amparo  
Na senda árdua do bem.*

*Por ti as nossas preces  
Se digne de aceitar  
Teu Filho, que por nós  
Se quiz sacrificar.*

*O' Virgem singular,  
Da culpa nos isenta.  
O amor da castidade,  
Da paz em nós aumenta.*

*Que emfim junto de Ti  
Modelo de humildade,  
Alegres nós cantemos  
Jesus na eternidade.*

*Ao Padre seja gloria,  
Gloria a Christo tambem,  
Gloria ao 'Spirito Santo,  
Por todo o sempre, Amen.*

J. D. de Sousa Aroso

(Com a aprovação do Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Leiria).

### ESPERANDO O CEU . . .

Uma só coisa me acalma, uma só me sustem: é a Comunhão, Deus faz-me sentir que é o soberano Consolador, o unico apoio duma alma doente.

Ah! sem isto que iria acontecer. Que fazer dum coração desolado e bastante fraco para se escapar a todo o momento para as creaturas? Se Deus o não guarda está perdido.

Comprehendo o desespero sem a Comunhão: mas com ella, com esta divina assistencia tudo muda em nós. Não soffremos menos mas soffremos christãmente; sofre-se em Deus e por Deus; sofre-se amando, o que adoça tudo. . . esperando o Ceu.

EUGÈNE DE GUERIN

## Voz da Fátima

### Despezas

Transporte . . . . .	563:370
Com o n.º 4 (tipografia)	130:000
Outras despezas (sêlos etc.) . . . . .	21:000
Soma . . . . .	714:370

### Subscrição

(Continuação)

Dr. Weiss d'Oliveira (2. <sup>a</sup> vez) . . . . .	10:000
Colhidas no dia 13 de janeiro . . . . .	29:890
D. Maria d'Apresentação David Gonçalves . . . . .	10:000
D. Carolina da Conceição Silva . . . . .	5:000
Manuel Lucio d'Andrade . . . . .	2:500
D. Laura Teixeira Correia Branco . . . . .	10:000
Manuel Joaquim d'Oliveira . . . . .	10:000
Dr. Francisco Falcão . . . . .	10:000
D. Angelica Pereira . . . . .	10:000
D. Marianna Augusta Chaves . . . . .	10:000
D. Maria da Conceição Norberto . . . . .	10:000
D. Maria do Gloria Magalhães Freire Caeiro da Matta . . . . .	15:000
P. <sup>o</sup> Francisco Maria da Silva . . . . .	10:000
D. Maria Jose Caldeira Marques . . . . .	5:000
João Taveira Sarmento . . . . .	5:000
D. Balbina Alvarez Rubiños de Dominguez . . . . .	10:000
D. Eliza Coelho Marques . . . . .	10:000
D. Clementina Maria Reis e Silva . . . . .	10:000
P. <sup>o</sup> Antonio Carreira Bonifacio . . . . .	10:000
D. Maria do Carmo Pessoa . . . . .	10:000
D. Casimira da Luz Fonseca . . . . .	10:000
D. Agueda Rosa Gomes . . . . .	10:000
Antonio Antunes Mota . . . . .	10:000
P. <sup>o</sup> Antonio Carreira Poças . . . . .	10:000
D. Izabel Virginia Ribeiro da Costa . . . . .	10:000
P. <sup>o</sup> Joaquim Duarte Alexandre . . . . .	10:000
D. Ignacia de Moura Coutinho da Silveira Montenegro . . . . .	10:000
Firmiano José Alves . . . . .	10:000
D. Rosa Isabel Vasconcelos Galvão Baptista . . . . .	10:000
Dr. João Mendes de Vasconcelos . . . . .	50:000
D. Celeste Maria de Souza . . . . .	2:500
Um anonimo . . . . .	2:500
Antonia da Conceição . . . . .	2:500

### AVISO

Só tem direito a receber durante um ano pelo correio a VOZ DA FÁTIMA as pessoas que nos enviarem a quantia de dez mil réis. Não mandamos fazer cobrança pelo correio.

Alguns subscriptores se tem queixado de não receberem o jornal. Não é nossa a culpa pois que temos feito a expedição com todo o cuidado. Voltaremos a enviar os numeros publicados ás pessoas que o desejarem e nos avisarem de que não receberam a primeira remessa.